

## Editorial

# O SENSÍVEL E O INVISÍVEL: RELIGIÕES, CRENÇAS E RITUAIS NOS MUNDOS ANTIGOS

Deivid Valério Gaia

Gabriel Paredes Teixeira

Vanessa de Mendonça Rodrigues dos Santos

Editorial recebido em 07 de fevereiro de 2023

Editorial aceito em 07 de fevereiro de 2023

As formas como povos distintos conceberam e interagem com a existência de potências sobrenaturais constitui um problema historiográfico dos mais interessantes. Ao longo do século XX, principalmente, pesquisas que versam sobre o tema ganharam mais espaço: desde a primeira geração dos *Annales* até o estabelecimento da chamada *História das Mentalidades*, estudos sobre a coletividade na longa duração e de suas estruturas mentais foram angariando cada vez mais espaço na academia. Oposições como sagrado/profano, mágico/religioso, legítimo/ilícito constituíram-se como categorias de análise mobilizadas pelos historiadores nesse esforço, em diálogo constante com outras áreas do conhecimento, como a Antropologia, rendendo trabalhos historiográficos inovadores, mais interdisciplinares e disruptivos em seu tempo.

Desde os anos 1980, porém, temos visto nesse campo de pesquisa uma renovação que busca conjugar tais esforços a novos olhares, visando a recuperação da agência individual, da pluralidade e da complexidade das expressões desses sistemas de crenças na vida cotidiana e considerando a sua relação com outros campos que constituem tal vivência, como os planos social, econômico, político, dentre outros. No que tange aos estudos sobre a Antiguidade, por

exemplo, temos obras como a de Paul Veyne, *Os gregos acreditavam em seus Mitos?*<sup>1</sup>, que buscou refletir acerca das diferentes maneiras pelas quais os sujeitos poderiam mobilizar elementos presentes em seus sistemas simbólicos e desenvolver maneiras próprias e distintas de crenças nas potências sobrenaturais e de interação com estas, considerando, inclusive, como tais crenças e atitudes podem mudar de um contexto para outro. Tal movimento, que estava a par das críticas e propostas elaboradas nos âmbitos das Ciências Sociais e da Antropologia, se mostrou uma tentativa de contemplar o fato de que religiosidades, crenças e rituais dos mais variados têm origens e implicações extremamente complexas.

Uma conciliação entre os diferentes campos – cultural, econômico, político e social – começou a ser engendrada tanto na teoria, quanto na prática: Roger Chartier, por exemplo, propõe uma nova *História Cultural, entre práticas e representações*, na qual ele sugere uma nova articulação entre esses campos, não pelo viés de um espelhamento, ou compreendendo cada campo como parte de uma engrenagem que constitui a totalidade da realidade, ou, ainda, em algum tipo de relação hierarquizante; mas, antes, investigando como os diferentes campos se relacionam e se imbricam nas realidades históricas<sup>2</sup>. Dessa forma, uma vasta gama de possibilidades foi aberta para os estudos das relações entre os seres humanos e o “sobrenatural” na História, sobretudo no que concerne à História Antiga e Medieval.

Especialmente no caso dos mundos antigos, uma pluralidade efervescente saltou aos olhos dos historiadores: a vasta documentação literária e material produzida no período revela relações ambíguas e

<sup>1</sup> VEYNE, Paul. **Os gregos acreditavam em seus mitos?**. Tradução de Mariana Echalar. São Paulo: Editora Unesp, 2014.

<sup>2</sup> CHARTIER, Roger. **A História Cultural: entre práticas e representações**. Tradução de Maria Manuela Galhardo. 2ª ed. Portugal: DIFEL, 2002.

complexas dos sujeitos com as esferas sobrenaturais. Crenças, rituais e práticas sagradas/profanas muitas vezes se confundiam, dificultando o encaixe nas categorias anteriormente estipuladas: o contexto das práticas, os agentes envolvidos ou a tradição intelectual e teológica – no caso do cristianismo – às quais os agentes e os documentos se vinculavam promoviam diferenças significativas no tratamento dessas interações com o divino. Desse modo, somos confrontados pela necessidade de uma análise cuidadosa da documentação antiga, levando em conta o emaranhado de variáveis envolvidas na construção dos sentidos de práticas, representações e discursos acerca do plano divino e das potências sobrenaturais.

Contudo, é evidente que uma abordagem que abarque todas as variáveis e todos os campos que constituem a realidade é inviável, seja pela quantidade de material a ser analisada, seja pelo risco de comprometer a inteligibilidade da construção do saber histórico. O estabelecimento de recortes – cronológicos, espaciais, sociais – e de categorias de análise é o que torna nosso trabalho possível. Além disso, considerar as “intenções” individuais, como contraponto às estruturas mentais é perder-se na atomização do ser, ignorando que todo indivíduo é duplo, constituído, simultaneamente, por um ser social e um ser psicológico, este último nos escapando quase por completo. Entre as mentalidades e a fenomenologia, está o cotidiano dos homens em um mundo permeado pelo invisível, o sensível e o divino.

A partir desse movimento, temos observado nas últimas décadas uma expansão das possibilidades de pesquisa, o nascimento de novos problemas e novas abordagens no estudo de mundos antigos, inclusive no Brasil: relações entre centro e periferia, estudos de gênero, estudos das classes sociais subalternas e a “história vista de baixo” são apenas alguns exemplos. O próprio termo que empregamos – mundos antigos – reflete

uma abertura cada vez maior para o enfoque em civilizações fora do contexto clássico greco-romano, com a promoção de sobre Egito, Mesopotâmia, Pérsia, Índia, bem como sobre os povos habitantes da Europa Ocidental. Por fim, os estudos decoloniais têm sido peça fundamental no processo de autocompreensão e de construção de uma historiografia dos mundos antigos brasileira, sul-americana, periférica e através de uma episteme própria.

Assim, a proposta desse dossiê é congregar os estudos de jovens pesquisadores sobre os mundos antigos que destacam justamente a pluralidade de regiões, povos e culturas na construção deste cenário de religiosidades, de ritualísticas e de crenças diversificadas. E que, além disso, o fazem considerando questões comerciais e financeiras, disputas jurídicas, relações amorosas, práticas mortuárias e outros aspectos da vida cotidiana, explicitando como as relações entre os sujeitos e as potências cósmicas que constituem também um campo propício para investigações em História Social, Jurídica, Econômica e outras áreas da historiografia.

A fim de atingir uma reflexão através de uma proposta heurística e não como segmentações ou polos opostos de uma mesma área, buscamos trabalhos que mobilizaram fontes de diferentes naturezas: textuais, imagéticas, epigráficas e arqueológicas, além de campos distintos do saber e diversos pressupostos teórico-metodológicos. Tal alargamento de fontes é crucial nesta empreitada, uma vez que a vida vivida, a vida sentida e a vida pensada são temas extremamente complexos de serem trabalhados – sobretudo quando envolvem as manifestações não-materiais da realidade. Mas são esses desafios nos convidam a praticar a alteridade e a desenvolver a sensibilidade historiográfica diante de nossos objetos de estudo.

Primeiramente, temos o trabalho *Magia na Roma antiga: Apuleio de Madaura e o Asno de Ouro sob o conceito de memória e identidade social de Michael Pollak*, de autoria de **Albertino da Silva Lima**. Valendo-se dos conceitos cunhados por Pollak, o autor propõe uma investigação que considere as próprias experiências de Apuleio – em grande parte relatadas no discurso *Apologia* – para investigar aspectos da magia por ele apresentados em seu romance *O Asno de Ouro*. Dessa maneira, o artigo é capaz de lançar novas luzes às questões das representações literárias da magia n’*O Asno de Ouro* e da participação do autor do texto, como indivíduo portador de um conjunto de experiências e memórias únicas, em suas elaborações.

A seguir, **Beatriz da Silva Ronca** analisa o desenvolvimento do culto à deusa *Sulis Minerva* – amalgama de crenças religiosas celta-bretãs e romanas – na Bretanha-romana, a partir do século I D.E.C. partindo do conceito de Hibridismo Cultural, no artigo intitulado *DEAE SVLI MINERVAE: considerações sobre o templo da deusa das águas medicinais*. A partir do santuário dedicado à deusa, descoberto na região da atual cidade inglesa de Bath, Beatriz observou elementos importantes da religiosidade celta-bretã presentes em altares, oferendas e características atribuída à divindade nas inscrições, como sua relação com as águas e a cura, bem como o protagonismo característico às divindades femininas destas religiões. A argumentação demonstra que os imaginários religiosos nas colônias romanas não estiveram reduzidos à simples relação “dominante x dominado”, mas configuraram cenários dinâmicos de desenvolvimento a partir de influências e contribuições distintas.

Já **Amanda Martins Rodrigues**, com sua contribuição *Mulheres, Rituais e Dioniso: autoridade e autenticidade*, propõe uma análise da participação das mulheres nos rituais religiosos relacionados a Dioniso por meio da análise da peça *As Bacantes*, de Eurípides, considerando em

que medida – e se – esses rituais podem ser vistos como possibilidade de libertação feminina e subversão da autoridade masculina.

No artigo *Religiosidade Emaranhada: Os Cultos às Divindades Femininas Plurais nas Províncias Ocidentais do Império Romano*, **Érika Vital Pedreira** lança um olhar renovado sobre as múltiplas origens das "divindades femininas plurais" a partir de evidências arqueológicas atualizadas. O artigo demonstra as origens plurais e o processo de emaranhamento dessas figuras por meio do estudo de caso de quatro relevos originários de províncias ocidentais distintas do Império Romano dedicados a tais entidades. Oferece, assim, importante colaboração para a compreensão do surgimento de religiosidades emaranhadas, com a presença de inovações conforme necessidades e particularidades locais, demonstrando processos notáveis de transformações e modificações das ideias que se faziam a respeito dos seres que eles consideravam habitavam a esfera do "invisível".

**Elis Barroso** e **Jerrison Patu**, por sua vez, trazem o trabalho *Reciprocidade, redistribuição e troca através da imagem de Dioniso na Ática durante o período arcaico 540-530 a.C.*, que traz a história econômica e, especialmente, as trocas comerciais para o centro do debate entre religiosidade e identidade. Eles demonstram como as redes de trocas comerciais, ao mesmo tempo, constituem redes de trocas e contatos culturais e como, especialmente no caso do culto a Dioniso, abrem a possibilidade para novos tipos de interações entre locais e estrangeiros por meio de manifestações religiosas.

O artigo *Funções Cômicas da Superstitio em Plauto*, de **Fellipe Duarte da Silva Alves de Souza**, demonstra que a sensibilidade dos sujeitos antigos às esferas invisíveis da realidade não esteve limitada apenas a espaços de práticas religiosas. O autor aborda as maneiras como Plauto,

ilustre comediógrafo latino, utilizou-se de mecanismos literários típicos de sua produção para atrelar comicidade à figura do *superstitiosus*, em três de suas peças. Nos textos, a *superstitio* é atrelada à linguagem do *seruus*, um tipo recorrente à comédia plautina, conferindo a tal personagem rigidez e excesso religiosos perceptíveis ao público, transformando-a em motivo de riso da plateia.

Trazendo o cristianismo para o debate, **Francimagda Almeida Avelino** apresenta o texto *Identidade e memória cultural cristã em espaços funerários na antiguidade tardia (séc. III-IV)*, o qual versa sobre a complexa relação da religião com a cultura romana por meio do estudo das práticas funerárias. Por meio do conceito de *memória cultural*, a autora demonstra como os cristãos constituíram seus espaços funerários como forma de demarcação de uma identidade cristã comunitária, no entanto, sempre em diálogo com o mundo greco-romano em um processo constante de resignificação.

No campo dos estudos de gênero, **Gisele Moreira da Mata** compôs o artigo *Identidade e alteridade nos discursos mitológicos na Atenas Clássica: política, gênero e poder*, tendo em vista demonstrar a complexidade da relação entre os discursos mitológicos e a sociedade: ao mesmo tempo que o discurso mitológico designa a mulher ao papel de outro – “outra raça” – as leis de Péricles confeririam à mulher um papel central na constituição da cidadania Ateniense. Assim, o artigo questiona as concepções tradicionais a respeito do modelo *Mélissa* e reconsidera seu papel na sociedade Ateniense.

Partindo do questionamento da utilização do termo “demônio” – historicamente construído e resignificado – para a designação de um conjunto amplo de entidades malignas que foram elaboradas e representadas por diferentes culturas presentes na antiguidade, **Pedro Augusto Gomes** revela nuances relacionadas às suas representações em

textos hebraicos, no artigo *Espíritos Malignos no Judaísmo Antigo*. Através de tal esforço, o autor propõe modelos para avaliar as formas através das quais os escribas do Antigo Testamento foram capazes de atrelar um conjunto de características negativas a deidades antagonistas a Javé no texto.

O artigo *Corpos Poluentes e Poluídos: Crenças sobre morte na Roma Antiga*, de autoria de **Yuri Augusto de Oliveira**, trabalha a morte como um fenômeno histórico-social, demonstrando a relevância da poluição e da purificação dos cadáveres na sociedade romana antiga, que sistematizava uma série de rituais para afastar o perigo que a poluição dos corpos poderia representar para indivíduos, locais e objetos. Seguindo uma lógica própria, para os antigos romanos, tais rituais tinham como objetivos satisfazer a alma do morto e integrá-la às legiões dos *manes*, de tal forma a evitar que ela se tornasse um espírito vagante, preso ao plano dos vivos e os aterrorizando. Com tal artigo, o autor demonstra que os ritos funerários eram culturalmente percebidos como uma atividade necessária, e que sua correta realização era essencial na separação dos mortos – e sua conseqüente poluição – com relação aos vivos.

O artigo de **Ruan Kleberson Pereira da Silva**, *Símbolos religiosos e realza assíria: análise do relevo 23 da sala do trono do palácio noroeste de Assurnasirpal II*, traz uma análise fora do escopo da antiguidade clássica, demonstrando como poder, política e religião podem estar imbricados no contexto da sociedade mesopotâmica e, especialmente, no mundo assírio.

Por último, temos a resenha *Entre a sensibilidade e a invisibilidade: uma compreensão do Jesus de Nazaré*, de **Douglas de Castro Carneiro**, que apresenta o livro do professor André Leonardo Chevitaresh *Jesus de Nazaré: o que a História tem a dizer sobre ele*. O texto apresenta um breve

panorama da constituição da obra, seus principais argumentos e pontos de discussão. Para além da relevância temática para nosso dossiê, consideramos muito simbólico ter em nosso trabalho uma menção à obra do professor André Chevitarese, um dos pilares no desenvolvimento dos estudos acadêmicos do Cristianismo antigo no Brasil e expoente da discussão sobre a pluralidade das experiências religiosas, de forma geral.

Esperamos que esse dossiê possa colaborar para a difusão do saber científico acerca do tema e que possa suscitar novos diálogos, discussões e sínteses, a fim de continuarmos investigando as religiosidades antigas, bem como refletindo, nesse processo, sobre a nossa própria sociedade e nossas próprias religiosidades. Agrademos à Revista *Mythos* e a seu corpo editorial pela oportunidade de organização desse material, de grande relevância para os estudos antigos. Agrademos, igualmente, aos autores, que compartilharam conosco suas pesquisas, apresentando múltiplas e preciosas colaborações sem as quais não haveria esse dossiê.

Deivid Valério Gaia (Professor de História Antiga – UFRJ)

Gabriel Paredes Teixeira (Doutorando do PPGHC – UFRJ)

Vanessa de Mendonça Rodrigues dos Santos (Doutoranda do PPGHC – UFRJ)

Organizadores do dossiê